

Com Greg (centro) à frente, banda tem dois álbuns e lançou último single em 2022

DIVULGAÇÃO

‘Faço trilha sonora para as pessoas se apaixonarem’

Com a palavra

GREG GONZALEZ

Vocalista da banda Cigarettes After Sex, que toca no último dia do Lolla, 26 de março



Angela Corrêa
angela.correa@orbi.news

Uma atmosfera sensual preenche o ambiente quando toca Cigarettes After Sex. E são momentos lânguidos que a banda, liderada por Greg Gonzalez, quer proporcionar a seu público. Em março, o trio toca no Lollapalooza, sua terceira vez no Brasil. Em papo com a **Orbi**, o vocalista conta suas referências e expectativas.

A última música lançada foi ‘Pistol’, em novembro. O público brasileiro pode esperar novidades?
Normalmente eu gosto de guardar as canções até o dia em que elas vão sair mesmo. Então, não haverá algo novo, mas, definitivamente, o público vai ouvir “Pistol” (risos).

Você mudou como compositor depois que conheceu seus colegas de banda, já que a Cigarettes After Sex começou como projeto solo?
Amo escrever tendo músicos específicos em mente. Quando conheci Randy (Randall Miller, baixista) e Jake (Jacob Tomsky, baterista), eles trouxeram novo patamar de simplicidade que nunca tinha ouvido. E eu sempre me esforço para produzir coisas que pareçam muito naturais. Jake e Randall conseguem fazer coisas ainda mais simples e belas. Então, a principal contribuição que dei foi fazer coisas mais bonitas, ao menos para mim, só por serem mais simples.

É lisonjeiro as pessoas classificarem sua música como sedutora?
Oh, completamente! Esse sempre foi o objetivo. Quando estava criando a Cigarettes, quis que fosse a trilha sonora para as pessoas se apaixonarem, para a intimidade delas. Queria simplesmente que a música fosse algo que elas pudessem ouvir durante esses momentos doces em que estão juntas. Esse é um dos meus elogios favoritos. Algumas pessoas me dizem que a música é erótica, sensual ou qualquer coisas parecida. É maravilhoso.

É estranho que mesmo músicas que falam de suas decepções causem esse efeito estimulante?
Não, porque acho que na verdade a música pode ser tanto sensual quanto falar de corações partidos. Você pode estar de coração partido e ainda assim se sentir sexual. Acho que faz sentido porque a canção é sobre amor e você sabe que decepções são um componente do amor. Às vezes, é especial porque você se sente conectado. Até quando duas pessoas estão tristes ao mesmo tempo ou apenas lembrando de antigos amores já com alguém novo ao lado. Isso pode ser algo muito especial de mostrar a alguém.

E como você se sente sabendo que em algum lugar alguém está fazendo sexo ao som de sua música?
Acho incrível. Porque não é sempre que você encontra uma música que combine com esses momentos. Então, quando você encontra, é especial. Fico lisonjeado, eu acho (risos). Sou bem honesto em dizer que era isso mesmo que eu queria. Queria que as pessoas conseguissem compartilhar esses encontros com a música que eu escrevi.

Sua música é intimista. É preciso adaptar a performance em grandes festivais como o Lollapalooza?
Nós procuramos sempre manter as coisas bem simples no palco. Gosto de preencher o ambiente com coisas tão simples como a nossa música. Então, há uma iluminação minimalista, imagens de filmes que eu escolhi... Somos apenas nós três no palco tocando. E descobri que isso parece funcionar muito bem em festivais por ser algo um pouco na contramão dos demais, que podem fazer shows doidos, com grande iluminação, pirotecnia e isso realmente combina com o trabalho deles. E eu adoro ver um show com muita produção. É bem legal, porque temos uma performance muito simples e a multidão parece enlouquecer. É um sentimento doido fazer algo tão simples e as pessoas pirarem.

Qual a importância da moda e do cinema na sua música?
Me inspiram muito, especialmente o cinema. Amo música em primeiro lugar, mas o cinema está em segundo, muito próximo. Se eu não assisto a filmes diariamente me sinto como se não tivesse tomado o remédio que eu preciso, por exemplo. Parece até que não me alimentei. E nas músicas da Cigarettes, queria criar cenas nas mentes das pessoas. Isso é parte da razão pela qual não fazemos videoclipes. É porque eu penso que é algo incrível quando você ouve uma música que cria uma cena inteira de cinema na sua cabeça. Quer dizer, amo videoclipes, mas quando você cria um vídeo para uma canção acaba com outras maneiras maravilhosas que você pode criar na imaginação. Essa é minha maneira de ser um cineasta, só por escrever canções que criam pequenas visões na cabeça das pessoas. Na moda, fui muito influenciado pelos anúncios da [marca] Guess dos anos 1990, que eram todos em preto e branco.



Quem é? Nascido no Texas em 1982, Greg Gonzalez tem uma banda desde 2008, mas poderia muito bem trabalhar no cinema porque seu grande estímulo é criar histórias na imaginação de quem o ouve. Seu vocal andrógino inspira romances e encontros, algo que ele sempre desejou para sua arte, que começou a desenvolver aos 10 anos

Sua voz ao falar é grave, algo bem diferente de seu vocal andrógino nas músicas. Como desenvolveu seu estilo como vocalista?
Canto desde os 10 anos e é interessante porque quando eu ouço minhas coisas antigas eu cantava de maneira muito diferente. Foi uma longa jornada para chegar até mim mesmo (risos). A maneira como eu canto agora é como eu sempre quis cantar porque eu amo sentimentos delicados e eu sempre amei muito mais vocais femininos. Elas pareciam mais sensuais, mais honestas, mais leves, mais elementares. Então, o que eu fiz foi ouvir todas as grandes cantoras, como Françoise Hardy, a brasileira Astrud Gilberto e a espanhola Jeanette. São algumas que eu amo. Todas têm vozes ofegantes, suaves e sensuais. Eu ouvia essas vozes e sentia que era assim que eu deveria soar. Era como se fosse minha voz interior. Como fazer dessa minha voz exterior? Então, eu comecei a cantar assim, fiz diferentes covers e tentava copiar essas cantoras. Muitas vezes as pessoas que ouvem a música pela primeira vez acham que sou uma cantora. É frequente. E é algo maravilhoso porque significa que, espero eu, consegui fazer o que sempre quis. Conseguir compartilhar esse lado feminino, que é também um lado honesto de você mesmo. Minha voz é grave quando falo, claro, e no final é legal ter os dois.